



Fronteiras: Revista Catarinense de
História

ISSN: 1415-8701

samira.moretto@uffs.edu.br

Universidade Federal da Fronteira Sul
Brasil

Amorim da Silva, Andréia
Reflexões sobre o papel social do historiador por Olivier Dumoulin
Fronteiras: Revista Catarinense de História, núm. 31, 2018, pp. 164-166
Universidade Federal da Fronteira Sul

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=672071492012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Reflexões sobre o papel social do historiador por Olivier Dumoulin

Reflections on the social role of the historian by Olivier Dumoulin

Andréia Amorim da Silva¹

DUMOULIN, Olivier. **O papel social do historiador**: da cátedra ao tribunal. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. Coleção História & Historiografia.

O livro de Olivier Dumoulin foi originalmente publicado na França em 2003 com o título *Le Rôle social de l'historien de la chaire au prétoire*. O autor é um historiador francês membro associado do *Centre de Recherche d'Histoire Quantitative* e, desde 2015, Professor Emérito em História Contemporânea da Universidade de Caen.

Em sua trajetória, Dumoulin desenvolveu principalmente estudos relacionados à história social, institucional e intelectual da evolução das práticas historiográficas na França nos séculos XIX e XX. Assim, o livro em questão acompanha um debate que já está sendo realizado pelo próprio.

Em linhas gerais, “O papel social do historiador” aborda transformações do papel social do historiador do final do século XIX até períodos recentes de escrita da obra. Para o caso atual, Dumoulin problematiza como se dão as diferentes solicitações para que o historiador atue no espaço público.

Sobre a organização da obra, a mesma inicia com uma discussão sobre o papel dos historiadores no período mais recente. Nos capítulos posteriores, é historicizado e problematizado sobre transformações do *status* de historiador do final do século XIX ao século XX a partir de, sobretudo, o caso francês.

Sobre as atividades de historiadores no debate público no período mais atual, Dumoulin também lança mão de exemplos de outros países Europeus (tais como Alemanha e Suíça), além dos Estados Unidos e Canadá, ao questionar se atualmente se vive um momento de virada da atividade do historiador.

A fim de desenvolver sua investigação, o autor relaciona tanto discursos dos historiadores sobre sua atuação quanto o modo no qual sua intervenção é avaliada ou dotada de sentido por quem solicita sua análise, o que também é debatido com o modo no qual a profissão também é compreendida pelo conjunto da sociedade.

São diversas as diferenças pontuadas para a inserção de historiadores em debates para além do meio acadêmico nos casos de alguns países Europeus e da América do Norte, principalmente

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – PPGH-UDESC. E-mail: andreia.amorims@gmail.com.

como no último caso há uma tendência maior para a judicialização e maiores possibilidades para atuação através de empresas que contratam historiadores.

As implicações do modo como é solicitada a participação de historiadores em debates públicos, principalmente para o caso da América do Norte, são bem problematizadas pelo autor, que evidencia diferenças de um discurso de história produzido no meio acadêmico e o que possui um fim jurídico. No caso do meio acadêmico, ressalta-se, por exemplo, como o debate não é encerrado por nenhum veredito ou alguma ordem jurídica que não permite que novos documentos sejam inseridos. Assim, o autor discute aspectos que apontam para diferenças nas práticas de historiadores quando são contratados para expor em um tribunal.

As destacar diferenças entre o que pode ser compreendido como as regras presentes em um domínio jurídico e outras do científico/historiográfico, o autor escreve:

Em história, nenhuma instância tem esse poder de fechar assim o debate. Isso parece inclusive repugnante e ridículo para os historiadores. Na esfera judicial, o juiz proclama uma sentença que decide uma matéria histórica de maneira categórica segundo cânones que são os de direito e da história. Em caso de insuficiência de provas ou de indecisão, o historiador pode suspender o julgamento, o que o juiz não pode fazer (...) (DUMOULIN, 2017, p.81).

Nesse caminho, pode-se evidenciar como seu texto problematiza relações entre sociedade e o trabalho de história, isto é, em que é colocada em evidência e discutida a “prática” de pesquisa em história ou modo de inserção do historiador e sua fala com o seu “lugar” de produção de conhecimento (CERTEAU, 1982).

Outros aspectos que também devem ser mencionados sobre o livro são dos diferentes momentos em que o *status* de quem produz história se modifica, isto é, certas transformações que passaram a predominar dentre quem produzia história. Da passagem de um produtor de história erudito para sua profissionalização, de um período com maior orientação para sua atividade no intuito de formar cidadãos até um certo momento de “desengajamento”, dentre outras mudanças que ocorreram no século XX tais como a “separação” do professor com o pesquisador até um certo predomínio de historiadores com viés ideológico de esquerda.

É partir dessas diferenças que o autor optou pela escolha de abordar como o “papel social” do historiador, cujo conceito advém do teatro e dá margem para a mudança, isto é:

pode-se variar sua interpretação – um mesmo ator assume às vezes diversos papéis. Sem jogar por mais tempo com a facilidade do termo, o fato é que ele traz a lume a plasticidade da questão. Trata-se de uma atribuição reversível, cambiante, subordinada às contingências da história, objeto de história (DUMOULIN, 2017, p.19).

Por fim, é necessário expor alguns limites que circundam a publicação dessa obra, inicialmente é preciso pontuar que se pode vir a correr o risco de tomar como inflexão para outros

contextos o caso francês ou da América do Norte. Dumoulin não discute nesse caminho, no entanto, além de ser necessário ressaltar que sua tradução tardou a chegar ao Brasil, deve-se levar em consideração as dinâmicas próprias de determinado ambiente para analisar mudanças nos papéis sociais dos/as historiadores/as. Por outro lado, se a proposta e contribuições de Dumoulin se fecham para esses contextos, pelo que poder ser possível verificar a partir de seus exemplos e modo de exposição, talvez seja possível entender como um limite que sua chave de leitura não priorize tendências maiores que atravessam países. Nesse caminho, se os usos sociais da história parecem estar cada vez mais em alta em uma época de *pós-verdade* em que são relativizados fatos históricos já consolidados, parece que podem existir razões ou conexões mais profundas para alterar as dinâmicas da intervenção pública de cientistas no geral. Isso não invalida o estudo de Dumoulin, que estimula o debate sobre qual nosso papel na sociedade e a importância da constante reflexão sobre o que fazemos, como fazemos, para quem fazemos e qual a relevância de nossa produção no conjunto da sociedade.

Referências:

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DUMOULIN, Olivier. *O papel social do historiador: da cátedra ao tribunal*. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. Coleção História & Historiografia.